

# **Empreendedorismo Sénior**

*João M. S. Carvalho*

Na literatura científica denomina-se empreendedorismo sénior o facto de as pessoas de 50 ou mais anos iniciarem um negócio (Curran e Blackburn, 2001; Kautonen, Down e South, 2008).

Com o aparecimento cada vez mais frequente de períodos de crise e estagnação económica, verifica-se que o desemprego atinge taxas elevadas em muitos dos países desenvolvidos da Europa, tornando especialmente difícil o retorno ao mercado de trabalho por parte dos trabalhadores mais velhos. Assim, a necessidade de sustentabilidade económica individual implica estratégias de sobrevivência que passam pelo prolongamento das carreiras laborais, a criação de novas empresas e o autoemprego dos trabalhadores mais velhos (Curran e Blackburn, 2001; Weber e Schaper, 2004; Zissimopoulos e Karoly, 2007). Neste contexto, a promoção do empreendedorismo sénior pode ajudar a reduzir o desemprego dos mais velhos, facilitando a sua inclusão social (Kautonen, Down e South, 2008) e, por outro lado, pode contribuir para melhorar a inovação na economia, porque há uma melhor utilização do capital humano e social de trabalhadores experimentados e maduros (Botham e Graves, 2009). No entanto, a relevância dessa experiência anterior depende da sua própria natureza (Weber e Schaper, 2004), já que uma experiência de gestão ou de empreendedorismo tem, naturalmente, um maior impacto do que uma experiência só como trabalhador por conta de outrem (Kautonen, Down e South, 2008; Kautonen, Luoto e Tornikoski, 2010).

Outro impacto na economia de grande relevância é que o empreendedorismo sénior pode ser parte das soluções possíveis para o problema da sustentabilidade económica dos sistemas de segurança social dos países com índices de envelhecimento elevados (Zhang, 2008; Carvalho, 2014). Acresce que o empreendedorismo sénior pode proporcionar benefícios económicos e sociais

tanto para os seniores como para a sociedade em geral, como se tem demonstrado em vários estudos (e.g. Curran e Blackburn, 2001; Singh e DeNoble, 2003; Weber e Schaper, 2004; Halabinsky, Potter e Kautonen, 2012), podendo e devendo ser envolvidos como mentores dos mais jovens e do aparecimento de novos negócios (Carvalho, 2014).

Pretendemos, com o presente artigo, apresentar estudos sobre as variáveis que podem contribuir para a propensão para o empreendedorismo em idades mais avançadas, assim como resultados de investigação neste domínio com dados atuais de vários países europeus.

Os estudos sobre a propensão para o empreendedorismo ao longo da vida apresentam resultados divergentes. O estudo de Sequeira, Mueller e McGee (2007) aponta para um relacionamento positivo e significativo entre a idade e a intenção de iniciar um novo negócio. No entanto, Henley (2007) mostra que a curva tem o formato de um U invertido, entre a idade e a preferência pelo autoemprego, sendo que a relação é positiva até cerca dos 25 anos, mas depois declina a partir daí. Outro estudo (Verheul et al., 2012) mostra que a curva é em forma de U, com uma relação negativa até aos 46 anos e positiva daí em diante. E, por sua vez, Kautonen e Down (2012) concluem que o número de indivíduos que desejam enveredar pelo autoemprego apresenta uma relação positiva crescente com a idade. Na prática, estes resultados dependem muito do contexto em que foram obtidos os dados.

Num estudo patrocinado pela Comissão Europeia (2009), que englobou 31 estados europeus mais o Japão, a Coreia do Sul, a China e os Estados Unidos, verifica-se que a percentagem de indivíduos, com 50 ou mais anos, que pensam iniciar um negócio, é de cerca de 40% daqueles que têm o mesmo desejo nos escalões etários mais novos, e de 50% no que diz respeito aos que já começaram uma atividade empresarial. Estes dados apontam para que só cerca de 16% do grupo com 50 ou mais anos é que estão a considerar ser empresários como uma alternativa de carreira (Kautonen, 2013). Contudo, as percentagens variam entre

países, sendo mais elevadas na Islândia, Estados Unidos, Roménia e Eslováquia, e menores nos casos da Áustria, França, Bélgica e China.

Há investigação que refere que os trabalhadores mais velhos são mais capazes do que os mais novos de iniciar um novo negócio, porque podem ter vantagens devidas à sua rede de contactos, maior experiência, melhores competências técnicas e de gestão e uma melhor situação financeira (Bacus e Human 1994; De Bruin e Firkin, 2001; Singh e DeNoble, 2003; Weber e Schaper, 2004; Rogoff, 2007). Contudo, a diminuição, com a idade, da vontade em começar um negócio poderá ter a ver com o custo de oportunidade temporal, o qual cresce com a idade, devido ao tempo esperado de retorno ser menor, para além de existir um maior risco em comparação com um emprego remunerado (Lévesque e Minniti, 2006). A existência de capital financeiro acumulado poderá ter um efeito positivo no empreendedorismo sénior, porque haverá disponibilidade para o investimento, ou negativo, porque pode não haver motivação para uma nova aventura, pelo facto de não existir necessidade (Webster e Walker, 2005; Singh e DeNoble, 2003; Kibler et al. 2012).

Um estudo (Faggio e Silva, 2014), realizado na Grã-Bretanha, mostra que a incidência de autoemprego está correlacionada, positiva e fortemente, com a inovação e a criação de empresas nas áreas urbanas, mas não nas áreas rurais.

O trabalho de Pilková, Holienka e Rehak (2014) estuda o relacionamento entre a propensão para o empreendedorismo sénior e os contextos nacionais dos países europeus que participam no Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em 2013. Para quantificar o nível de atividade empreendedora sénior, as autoras criaram um índice baseado em duas variáveis: o total de atividade empreendedora de fase inicial (TEA – percentagem de indivíduos da população adulta envolvidos em processos de iniciação de um negócio, ou que o tenham iniciado nos últimos 3 anos e meio); e a TEA na classe entre os 55 e os 64 anos de idade, a que chamaremos TEA-55-64. Assim, calcularam o índice de empreendedorismo sénior, para cada país, através do rácio entre a TEA-55-64 e a TEA geral, o que

nos dá o peso do empreendedorismo sénior no total empreendedor geral, servindo como medida de inclusão dos seniores nas atividades empreendedoras de uma economia, e ao qual chamaremos TEA-S.

A avaliação do ambiente empreendedor em cada país foi feita com base na análise das condições-chave de enquadramento empreendedor, de acordo com a sondagem realizada aos peritos de cada nacionalidade. Estas variáveis avaliam o nível de financiamento da atividade empreendedora, as políticas governamentais, os programas governamentais de empreendedorismo, a formação para o empreendedorismo em todos os níveis de ensino, a transferência de I & D, as infraestruturas comerciais e legais, a dinâmica do mercado, a abertura do mercado, as infraestruturas físicas, e as normas culturais e sociais.

As maiores diferenças foram encontradas entre os países desenvolvidos com maiores índices de empreendedorismo sénior e os países em desenvolvimento do leste europeu com níveis inferiores deste tipo de empreendedorismo, sendo as políticas governamentais, tanto em apoio ao empreendedorismo, como na área da burocracia e impostos, aquelas que explicam contextualmente tais diferenças. Acresce que a educação aos níveis básico e secundário, assim como as transferências de I & D, são também diferenciadoras dos grupos de países, merecendo atenção como variáveis potenciadoras de uma maior inclusão através do empreendedorismo sénior.

Pilková, Jančovičová e Kovačičová (2016) apresentaram mais resultados com base no conceito de empreendedorismo inclusivo<sup>1</sup>, que representa o envolvimento de grupos menos representados ou desfavorecidos na atividade empresarial, de forma a ajudá-los a ultrapassar os seus problemas económicos e sociais. Estudaram quatro países (Eslováquia, República Checa, Hungria e

---

<sup>1</sup> O conceito de empreendedorismo inclusivo foi desenvolvido e patenteado pela The Syracuse University Whitman School of Management e pelo Burton Blatt Institute em 2008, aquando do início de um projeto de empreendedorismo para pessoas com deficiência. Outros projetos apareceram na Europa, como o COPIE (Community for Practice on Inclusive Entrepreneurship), focado no desenvolvimento de ferramentas práticas para apoiar o empreendedorismo inclusivo. A OCDE, em cooperação com a Comissão Europeia, produziu três relatórios que focam as políticas para o empreendedorismo inclusivo (OECD/The European Commission, 2013, 2014, 2015).

Polónia) em termos de empreendedorismo inclusivo para os jovens, as mulheres e os seniores, procurando também determinar o nível de significância das condicionantes das atividades empreendedoras nestes grupos, a partir das perspetivas dos fatores humanos e demográficos (género, idade e habilitações literárias), das atitudes em relação ao empreendedorismo (estatuto social reconhecido, o empreendedorismo como escolha de carreira, e procurar casos de sucesso na internet ou nos media), da autoconfiança (nível de conhecimento, competências, experiências; medo de falhar; e se conhecem empreendedores recentes) e da capacidade de identificar oportunidades de negócio.

Concluíram, no modelo dos seniores, que sete dos 10 fatores têm uma correlação estatisticamente significativa com a TEA-S. A idade tem uma correlação negativa, mas quem tem habilitações literárias superiores ou quem seja do sexo masculino tem maior probabilidade de estar empenhado numa atividade empreendedora. O estatuto, a procura de casos de sucesso e o equacionar o empreendedorismo como carreira não apresentam correlações significativas com a TEA-S. A confiança nas suas competências, a falta de medo de falhar, o conhecer um empresário de sucesso e o ter capacidade para identificar oportunidades de negócio, estão positivamente relacionadas com a TEA-S.

Estes estudos (Pilková, Holienka e Rehak, 2014; Pilková, Jančovičová e Kovačičová, 2016) apresentam análises com base no GEM (2013), o que nos levou a atualizar e estender este tipo de investigação, agora com base no GEM (2015). Neste relatório, são avaliados 62 países de todos os continentes, dos quais escolhemos os 24 países europeus para a nossa investigação: Alemanha, Bélgica, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Luxemburgo, Macedónia, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido, Roménia, Suécia e Suíça.

As variáveis consideradas são as seguintes:

- **Valores societais** (GEM, 2015): (1) o empreendedorismo considerado como uma boa escolha de carreira; (2) o elevado estatuto dos empresários de sucesso; (3) a atenção dos media ao empreendedorismo;
- **Autoperceção acerca do empreendedorismo** (GEM, 2015): (4) a identificação de oportunidades; (5) as capacidades percebidas; (6) o medo de falhar; e (7) as intenções empreendedoras;
- **Tipos de atividade empresarial** (GEM, 2015): (8) novos empresários (TEA); (9) intraempreendedorismo (EEA – Entrepreneurial Employee Activity); e (10) percentagem de empresários;
- **Género** (GEM, 2015): (11) taxa de homens empresários (TEA masculina); e (12) taxa de mulheres empresárias (TEA feminina);
- **Índice motivacional** (GEM, 2015): (13) rácio entre a % da TEA em que a decisão de empreender se relaciona com a vontade de melhorar ainda mais as condições de vida ou negócio, e a % da TEA em que o empreendedorismo acontece por efetiva necessidade.
- **Índices TEA específicos** (GEM, 2015): (14) TEA na classe etária dos 55 aos 64 anos (TEA-55-64); e (15) o índice de empreendedorismo sénior (TEA-S);
- **Variáveis de contexto nacional** (GEM, 2015), tendo sido avaliadas entre 1-muito insuficiente até 9-muito suficiente: (16) finanças empresariais; (17) políticas do governo: apoio e relevância; (18) políticas do governo: impostos e burocracia; (19) programas governamentais de empreendedorismo; (20) educação para o empreendedorismo no ensino; (21) educação para o empreendedorismo após a escola; (22) transferência de investigação e desenvolvimento (I & D); (23) infraestruturas legais e comerciais; (24) dinâmica do mercado interno; (25) encargos e regulamentações no mercado interno; (26) infraestruturas físicas; e (27) normas sociais e culturais;
- **Outros indicadores** (Eurostat; Relatório das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano): (28) PIB per capita em paridade de poder de compra;

(29) índice de envelhecimento<sup>2</sup>; e (30) o índice de desenvolvimento humano (IDH)<sup>3</sup>.

Correlacionando as primeiras 15 variáveis entre si, descobre-se a existência de diversas relações com significado estatístico, que descrevemos de seguida.

A percepção do empreendedorismo como boa escolha de carreira tem uma correlação positiva moderada com as intenções empreendedoras ( $r = 0,361$ ;  $p < 0,05$ ), como seria de esperar; negativa moderada com o índice motivacional ( $r = -0,473$ ;  $p < 0,05$ ), o que significa que quanto maior é a necessidade, como razão para empreender, menor será o índice motivacional de um país, logo a relação entre necessidade e empreendedorismo é positiva, como seria de esperar.

A percepção de elevado estatuto social dos empresários de sucesso tem uma correlação positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,389$ ;  $p < 0,05$ ), o que se compreende, nomeadamente na Europa; e positiva forte com a TEA-S ( $r = 0,52$ ;  $p < 0,01$ ), o que reforça a conclusão anterior, verificando-se que o índice de empreendedorismo sénior é tanto maior quanto num país se considera que os empresários de sucesso têm um elevado estatuto social.

A atenção dos media em relação ao empreendedorismo tem uma correlação positiva moderada com a identificação de oportunidades ( $r = 0,357$ ;  $p < 0,05$ ), o que significa que os media, através da promoção que fazem do sucesso dos empreendedores e de novas oportunidades de negócio, estimulam a identificação dessas mesmas oportunidades por parte dos que querem ser empresários; negativa moderada com o medo de falhar ( $r = -0,379$ ;  $p < 0,05$ ), o que é expectável, pois quanto maior é a atenção dos media, mais força e confiança têm os candidatos a empresários, logo menor medo de falhar apresentam, mostrando que a promoção nos media tem um efeito positivo no empreendedorismo; e positiva moderada,

---

<sup>2</sup> O índice de envelhecimento é determinado pelo rácio entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas menores de 15 anos, multiplicado por 100.

<sup>3</sup> O índice de desenvolvimento humano é obtido pela média simples entre o índice de longevidade (esperança de vida), o grau de consecução educacional (calculada como a média ponderada entre a taxa de literacia dos adultos (2/3) e do rácio de inscrição para todos os níveis de ensino (1/3)), e o padrão de vida (PIB per capita ppp).

com a taxa de intraempreendedorismo (EEA), o que reforça o papel que os media têm em toda a sociedade na promoção dos valores empreendedores.

A capacidade de identificar oportunidades tem uma correlação positiva forte com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,779; p < 0,001$ ), o que seria de esperar, pois faz parte da definição de intraempreendedor; positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,786; p < 0,001$ ), o que é normal, quanto maior é essa capacidade, maior será a vontade empreendedora, independentemente do fator necessidade; e positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,385; p < 0,05$ ) e a TEA-S ( $r = 0,414; p < 0,05$ ), demonstrando que há mais empreendedorismo no escalão etário mais elevado, tanto medido pela TEA absoluta como pela TEA relativa, quanto maior for a capacidade do empreendedor de identificar oportunidades de negócio.

As capacidades percebidas do empreendedor têm uma correlação positiva forte com as intenções empreendedoras ( $r = 0,619; p < 0,01$ ), e moderada a forte com a TEA ( $r = 0,496; p < 0,01$ ), como seria de esperar; positiva forte com o sexo masculino ( $r = 0,509; p < 0,01$ ) e moderada com o sexo feminino ( $r = 0,429; p < 0,05$ ), mostrando que os homens acreditam um pouco mais do que as mulheres nas suas capacidades empreendedoras, o que pode ajudar a explicar a razão, entre outras provavelmente mais importantes, nomeadamente as relacionadas com a evolução social e cultural, para o facto de os homens serem em média mais empreendedores do que as mulheres. As capacidades percebidas do empreendedor têm uma correlação negativa moderada com o índice motivacional ( $r = -0,379; p < 0,05$ ), mostrando que, provavelmente, quanto maior é a necessidade relativa, o que implica um menor índice motivacional do país, maior é a confiança nas capacidades empreendedoras próprias; e negativa moderada com a TEA-S ( $r = -0,417; p < 0,05$ ), o que significa que quanto maior é aquela perceção, menor é o índice de empreendedorismo sénior. Isto pode significar que nos países em que os empresários ou empreendedores acreditam nas suas próprias capacidades, então sê-lo-ão antes da idade de 55 anos, limitando o número de pessoas mais velhas que ainda pensam em concretizar o sonho de ser empresário. Olhando à amostra, que é constituída por uma larga maioria de países ricos e desenvolvidos, também se poderá entender esta relação

negativa, pois existem sistemas de proteção social que desestimulam o empreendedorismo, assim como é mais fácil ter empregos bem remunerados até idades mais avançadas. Não esquecer que as capacidades percebidas do empreendedor são medidas em todos os adultos ativos.

As intenções empreendedoras têm uma correlação positiva forte com a TEA geral ( $r = 0,693$ ;  $p < 0,001$ ), a TEA nos homens ( $r = 0,719$ ;  $p < 0,001$ ), e a TEA nas mulheres ( $r = 0,58$ ;  $p < 0,01$ ). Verifica-se que há uma maior concretização dessas intenções nos homens do que nas mulheres. As intenções empreendedoras têm uma correlação negativa moderada com o índice motivacional ( $r = -0,379$ ;  $p < 0,05$ ) e com a TEA-S ( $r = -0,373$ ;  $p < 0,05$ ), mostrando que existe uma maior vontade de empreender quando num país é mais difícil ter emprego, isto é, quando a causa da necessidade é dominante, assim como quando as intenções empreendedoras são maiores num país, mais pessoas enveredam nessa aventura antes de chegar a uma idade sénior, o que implica um menor índice de empreendedorismo sénior.

A TEA geral tem uma correlação positiva forte com a TEA dos homens ( $r = 0,979$ ;  $p < 0,001$ ), com a TEA das mulheres ( $r = 0,937$ ;  $p < 0,001$ ) e com a TEA-55-64 ( $r = 0,507$ ;  $p < 0,019$ ), como seria de esperar.

A taxa de intraempreendedorismo tem uma correlação positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,7$ ;  $p < 0,001$ ), mostrando que quanto menor é a necessidade, logo menor será o índice motivacional para se ser empreendedor porque se quer e acha capaz, sinalizando que são sociedades em que é os empregos existem em maior quantidade e são suficientes para assegurar a sustentabilidade individual, o que levará muitos potenciais empreendedores a trabalhar por conta de outrem; e positiva e moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,432$ ;  $p < 0,05$ ) e a TEA-S ( $r = 0,392$ ;  $p < 0,05$ ), o que significa que quanto mais intraempreendedores existem num país, maior será a probabilidade de virem a ser empreendedores em idade avançada, nomeadamente quando perdem o emprego ou quando já consideram reunir todos os fatores para se lançarem numa aventura própria. Esta ideia reforça o facto de

que é necessário ter características empreendedoras para se vir a ser um empreendedor autónomo.

A TEA dos homens tem uma correlação positiva forte com a TEA das mulheres ( $r = 0,846$ ;  $p < 0,001$ ), reforçando a ideia de que depende muito das sociedades, das culturas e dos contextos nacionais o facto de se ter mais ou menos empreendedorismo, independentemente do género.

A TEA-55-64 tem uma correlação positiva forte com a TEA das mulheres ( $r = 0,508$ ;  $p < 0,01$ ) e positiva moderada com a TEA dos homens ( $r = 0,476$ ;  $p < 0,01$ ), mostrando que, tanto homens como mulheres, porventura mais estas, apostam no empreendedorismo em idades mais avançadas. Uma explicação será o facto de as mulheres serem mais sujeitas a desemprego e a menores oportunidades de inclusão no mercado de trabalho.

O índice motivacional tem uma correlação positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,402$ ;  $p < 0,05$ ) e a TEA-S ( $r = 0,472$ ;  $p < 0,05$ ), mostrando que quanto maior for a vontade empreendedora dum país, independentemente da necessidade, maior será a taxa e o índice de empreendedorismo sénior.

A TEA-55-64 tem uma correlação positiva forte com a TEA-S ( $r = 0,787$ ;  $p < 0,001$ ), como seria de esperar.

Correlacionando as primeiras 15 variáveis com as variáveis contextuais e os outros indicadores, verificamos que existem correlações estatisticamente significativas nos aspetos que descrevemos de seguida.

As finanças empresariais têm uma correlação positiva moderada com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,367$ ;  $p < 0,05$ ), sendo uma possível explicação o facto de as sociedades mais dinâmicas do ponto de vista empresarial serem aquelas que estarão melhor financeiramente, o que se refletirá no modo como os media veiculam a informação sobre os sucessos dos empresários nacionais; positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,439$ ;  $p < 0,01$ ), sendo que a identificação de oportunidades também deverá pressionar o sistema financeiro, o qual procurará dar resposta a essas solicitações,

acontecendo isto mais facilmente nos países mais dinâmicos e empreendedores; positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,421; p < 0,05$ ), o que significa que o dinamismo interno nas organizações também está relacionado com a dinâmica do financiamento, pois dele dependem todos os novos projetos.

A relevância das políticas de apoio do governo tem uma correlação positiva moderada com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,463; p < 0,05$ ), o que é óbvio, pois quando um governo tem políticas de apoio, os media são utilizados, para além de eles próprios desejarem noticiar essas políticas, contribuindo para a promoção das mesmas; positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,425; p < 0,05$ ), sendo que as próprias políticas de apoio do governo são um estímulo para as pessoas procurarem oportunidades de negócio; positiva forte com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,521; p < 0,01$ ), pois estes apoios também se refletem no dinamismo das empresas já constituídas, permitindo que a capacidade empreendedora dos empregados possa ser concretizada; e positiva moderada com o índice motivacional ( $r = 0,37; p < 0,05$ ), já que os apoios também têm um impacto direto no empreendedorismo geral, independentemente do fator necessidade.

As políticas do governo em termos de impostos e burocracia têm uma correlação positiva moderada a forte com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,499; p < 0,01$ ), o que é óbvio, pois o impacto destas políticas no tecido empresarial é motivo de grande relevância por parte dos media; positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,466; p < 0,05$ ), sendo que boas políticas de impostos e a diminuição da burocracia sempre estimulam a vontade de empreender, contribuindo para o sucesso dos empreendedores; negativa moderada com o medo de falhar ( $r = -0,411; p < 0,05$ ), pois o medo de o empreendedor falhar é menor quando as políticas fiscais e burocráticas são mais favoráveis; positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,389; p < 0,05$ ), sendo esta relação expectável, pois boas políticas fiscais e burocráticas estimulam o lançamento de atividades intraempreendedoras; e positiva moderada a forte com o índice motivacional ( $r = 0,498; p < 0,01$ ), como seria de esperar.

Os programas de empreendedorismo do governo têm uma correlação positiva moderada com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,36; p < 0,05$ ); positiva forte com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,539; p < 0,01$ ); positiva forte com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,579; p < 0,01$ ); e positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,573; p < 0,01$ ). Todas estas relações são esperadas, sendo de realçar o facto de não existir impacto significativo em nenhuma das TEA, o que significa que os governos estarão só a ter um impacto indireto no empreendedorismo.

A educação para o empreendedorismo em todos os níveis de ensino tem uma correlação positiva forte com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,608; p < 0,01$ ); positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,482; p < 0,01$ ); positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,397; p < 0,05$ ); positiva moderada com a taxa de empresários estabelecidos ( $r = 0,433; p < 0,05$ ); positiva moderada com a TEA dos homens ( $r = 0,361; p < 0,05$ ); positiva moderada com o índice motivacional ( $r = 0,449; p < 0,05$ ); e positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,398; p < 0,05$ ). Demonstra-se a importância da educação para o empreendedorismo, sendo de realçar o facto de o impacto significativo ocorrer nos homens e não nas mulheres, porventura porque estas escolherão cursos menos ligados à área empresarial, assim como o impacto na classe etária mais elevada que, quanto mais educada, mais apetência terá para ser empreendedora.

A educação para o empreendedorismo após a escolaridade tem uma correlação positiva moderada com a taxa de empresários estabelecidos ( $r = 0,393; p < 0,05$ ), demonstrando que houve procura desse tipo de formação por parte dos empresários já existentes, o que poderá também explicar o facto de ainda se manterem no mercado.

A transferência de I & D tem uma correlação positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,386; p < 0,05$ ); positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,43; p < 0,05$ ); positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,55; p < 0,01$ ); e positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,388;$

$p < 0,05$ ). Estas relações são as esperadas, pois a transferência de I & D, para a criação de novos produtos e serviços, leva a aumentar a probabilidade de se constituírem novas empresas, muitas vezes como forma de autonomização de intraempreendedores (spin-offs), com forte motivação de empreender sem ter por causa a necessidade, e acontecendo também nas idades mais avançadas.

As infraestruturas legais e comerciais têm uma correlação positiva moderada com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,353; p < 0,05$ ); positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,46; p < 0,05$ ); positiva forte com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,53; p < 0,01$ ); e positiva moderada com o índice motivacional ( $r = 0,467; p < 0,05$ ). A existência deste tipo de infraestruturas tem um impacto direto na forma como os media falam de empreendedorismo, assim como nas dinâmicas intraempreendedoras e motivacionais.

A dinâmica do mercado interno tem uma correlação negativa moderada com a perceção de elevado estatuto social dos empresários ( $r = -0,37; p < 0,05$ ), o que significa que os mercados mais dinâmicos são aqueles em que a preocupação com o estatuto social dos empresários será menor, porventura porque o próprio fluxo de entradas e saídas do mercado não permite que se estabilize uma imagem forte de sucesso para quem é empresário. Curiosamente, é esta a única correlação significativa encontrada, o que pode sugerir que o empreendedorismo não dependerá desta dinâmica percecionada pelos peritos inquiridos.

Os encargos e regulamentações do mercado interno têm uma correlação positiva forte com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,514; p < 0,01$ ); positiva moderada a forte com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,494; p < 0,01$ ); e positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,574; p < 0,01$ ). O que quer dizer que quando o peso dos encargos e das regulamentações não são muito elevados, então existe uma maior apetência para a identificação de novas oportunidades de negócio, para uma maior dinâmica intraempreendedora, e uma maior motivação para se ser empresário.

A existência de infraestruturas físicas tem uma correlação negativa forte com o considerar ser empresário como uma boa escolha de carreira ( $r = -0,398$ ;  $p < 0,05$ ); positiva moderada com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,461$ ;  $p < 0,05$ ); negativa moderada em relação ao medo de falhar ( $r = -0,413$ ;  $p < 0,05$ ); positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,439$ ;  $p < 0,05$ ); e positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,565$ ;  $p < 0,01$ ). A primeira correlação deve ser espúria, pois não nos parece que possa haver uma relação direta entre aquelas duas variáveis. As outras apresentam relacionamentos esperados, pois a existência de boas infraestruturas físicas pode facilitar o empreendedorismo e diminuir o medo de falhar do empreendedor.

As normas sociais e culturais têm uma correlação positiva moderada com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = 0,47$ ;  $p < 0,05$ ); positiva forte com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,615$ ;  $p < 0,01$ ); positiva moderada com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,477$ ;  $p < 0,01$ ); positiva moderada com a taxa de empresários estabelecidos ( $r = 0,407$ ;  $p < 0,05$ ); positiva moderada com a TEA dos homens ( $r = 0,362$ ;  $p < 0,05$ ); positiva forte com o índice motivacional ( $r = 0,544$ ;  $p < 0,01$ ); e positiva moderada com a TEA-55-64 ( $r = 0,425$ ;  $p < 0,05$ ). Nota-se a importância das normas sociais e culturais para que exista um contexto empreendedor favorável, tanto para os empresários estabelecidos como para os novos candidatos a sê-lo, inclusive os mais idosos. Neste contexto, relembra-se que há estudos (e.g. Kibler et al., 2012; Kautonen, 2013) que apontam a existência de barreiras relacionadas com a idade (idadismo), que dificultam aos mais velhos o acesso a recursos, nomeadamente financeiros.

O PIB per capita ppp tem uma correlação negativa moderada com a escolha de uma carreira como empresário ( $r = -0,442$ ;  $p < 0,05$ ), assim como com as intenções empreendedoras ( $r = -0,435$ ;  $p < 0,05$ ) e a perceção de capacidades empreendedoras ( $r = -0,386$ ;  $p < 0,05$ ), o que significa que nos países mais abastados haverá menor necessidade de se ser empresário, pois existe um maior número de empregos satisfatórios para as pessoas, o que se confirma pela análise da TEA destes países. O PIB per capita ppp tem, ainda, uma correlação positiva forte com a identificação

de oportunidades de negócio ( $r = 0,603$ ;  $p < 0,01$ ), assim como com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,638$ ;  $p < 0,001$ ), o índice motivacional ( $r = 0,769$ ;  $p < 0,001$ ), a TEA-55-64 (moderada neste caso:  $r = 0,484$ ;  $p < 0,01$ ) e a TEA-S ( $r = 0,579$ ;  $p < 0,01$ ). Assim, parece que quanto mais ricos são os países, maior será a capacidade de identificar novos negócios; de ser intraempreendedor; de não ser motivado pela necessidade; e de querer experimentar novas aventuras empresariais em idade avançada, até porque existem mais recursos disponíveis.

O índice de envelhecimento tem uma correlação negativa forte com a atenção dos media ao empreendedorismo ( $r = -0,352$ ;  $p < 0,05$ ), assim como com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = -0,397$ ;  $p < 0,05$ ), a taxa de intraempreendedorismo ( $r = -0,463$ ;  $p < 0,05$ ) e a TEA-55-64 ( $r = -0,356$ ;  $p < 0,05$ ). São os países mais “jovens” que dão mais atenção, em média, ao empreendedorismo, onde existe mais identificação de oportunidades de negócio, se é mais intraempreendedor e, relativamente, mais empreendedor nas idades mais avançadas.

O IDH tem uma correlação positiva forte com a identificação de oportunidades de negócio ( $r = 0,504$ ;  $p < 0,01$ ), assim como com a taxa de intraempreendedorismo ( $r = 0,596$ ;  $p < 0,01$ ), o índice motivacional ( $r = 0,662$ ;  $p < 0,001$ ), a TEA-55-64 (moderada neste caso:  $r = 0,381$ ;  $p < 0,05$ ) e a TEA-S ( $r = 0,625$ ;  $p < 0,01$ ). São relações esperadas, que mostram a educação, a saúde e a riqueza importam para ter mais empreendedorismo, mesmo nas idades mais avançadas. Paradoxalmente, existe uma correlação negativa moderada entre o IDH e as capacidades percebidas para se ser empreendedor ( $r = -0,425$ ;  $p < 0,05$ ) e as intenções empreendedoras (neste caso forte:  $r = -0,644$ ;  $p < 0,001$ ). No entanto, já tínhamos visto em relação a outras variáveis que, nos países mais desenvolvidos, não existe tanto a necessidade de se ser empreendedor por causa da existência de um mercado de trabalho suficiente para a grande maioria das pessoas, o que poderá em parte desincentivar a intenção de empreender.

As conclusões deste estudo, que iremos cingir só aos aspetos relacionados com o empreendedorismo sénior, apontam para a confirmação de estudos anteriores (Pilková, Holienka e Rehak; 2014; Pilková, Jančovičová e Kovačičová, 2016), nas variáveis comuns utilizadas. Assim, verificaram-se relações positivas entre o empreendedorismo sénior, medido pela TEA-S e pela TEA-55-64, e a perceção de elevado estatuto social dos empresários de sucesso, a capacidade de identificar oportunidades de negócio, a TEA geral, a taxa de intraempreendedorismo, a TEA das mulheres, a TEA dos homens e o índice motivacional. Em geral e em média, nestes 24 países europeus, o empreendedorismo sénior acontece mais na base da vontade de ser empresário, como forma de aumentar a sustentabilidade individual a nível económico, ou de aproveitar toda a experiência e conhecimento acumulados, procurando a realização de uma ideia que, muitas vezes, é desenvolvida no seio das empresas para as quais os seniores ainda trabalham.

Em relação às variáveis contextuais, verifica-se que não há relacionamento estatisticamente significativo entre o empreendedorismo sénior e grande parte dessas variáveis. No entanto, é relevante a relação positiva com a educação para o empreendedorismo em todos os níveis de ensino, sugerindo que as pessoas que tiveram educação escolar que lhes proporcionou características empreendedoras, são aquelas que mais empreendem em idades mais avançadas. Há uma relação positiva com a transferência de I & D, sugerindo que muitos trabalhadores, quando são mais velhos, apostam em aproveitar as ideias que desenvolveram em contextos de investigação académica ou empresarial. A relação positiva com as normas sociais e culturais apontam para a importância dos contextos nacionais, existindo mais empreendedorismo sénior quando eles são mais favoráveis e, porventura, menos sujeitos ao idadismo. Existem, ainda, relações positivas com o PIB per capita ppp e com o IDH, demonstrando que quanto mais ricos e desenvolvidos são os países, maior é a predominância de recursos que permitem que o empreendedorismo sénior possa prosperar.

As relações negativas encontradas são com as capacidades percebidas do empreendedor, as intenções empreendedoras e o índice de envelhecimento. Isto significa que os mais idosos terão uma tendência a ter menos vontade de empreender, o que, em parte, se explica por eles próprios já não acreditarem nas suas capacidades para serem empresários.

Assim, com o aumento da longevidade em todos os países, com a dificuldade dos governos em manter um estado social, será expectável que o empreendedorismo sénior continue a aumentar, e que a educação para o empreendedorismo tenha cada vez mais importância, assim como deverão aparecer programas específicos governamentais dedicados aos seniores em cada país e, porventura, ainda mais na União Europeia.

## Referências

- BAUCUS, D.A., HUMAN, S.E. (1994) Second-Career Entrepreneurs: A Multiple Case Study Analysis of Entrepreneurial Processes and Antecedent Variables. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 19(2), 41-71.
- BOTHAM, R.; GRAVES, A. (2009) *Third age entrepreneurs: innovative business start-ups in mid-life and beyond – understanding the drivers and removing the barriers*. Interim report to NESTA.
- CARVALHO, João M. S. (2014) Idadismo e Sustentabilidade. In: *Idadismo – Prioridade na Construção Social da Idade* (ed Cláudia Moura), pp. 271-291. Edições Euedito.
- Comissão Europeia (2009) *Flash Eurobarometer 283: entrepreneurship in the EU and beyond*. The Gallup Organization, Hungary (Producer) and GESIS, Cologne (Publisher), ZA5439, dataset version 1.0.0.
- CURRAN, J.; BLACKBURN, R. (2001) Older people and the enterprise society: age and selfemployment propensities. *Work, Employment & Society*, 15 (4), 889–902.
- DeBRUIN, A., FIRKIN, P. (2001) *Self-Employment and The Older Worker*. Auckland: Massey University of New Zealand.
- FAGGIO, Giulia, SILVA, Olmo (2014) Self-employment and entrepreneurship in urban and rural labour markets. *Journal of Urban Economics*, 84, 67–85.
- HALABINSKI, D., POTTER, J., KAUTONEN, T. (2012) *Entrepreneurial Activities in Europe: Policy Brief on Senior Entrepreneurship*. OECD Local Economic and Employment Development Division.
- HENLEY, A. (2007) Entrepreneurial aspiration and transition into self-employment: evidence from British longitudinal data. *Entrepreneurship and Regional Development*, 19 (3), 253–280.
- KAUTONEN, Teemu (2013) *Senior entrepreneurship*. A background paper for the OECD Centre for Entrepreneurship, SMEs and Local Development.

- KAUTONEN, Teemu; DOWN, S. (2012) *Age and entrepreneurial behaviour: the effect of different entrepreneurial preferences*, paper presented to the 2012 Academy of Management Annual Meeting, 3-7 August, Boston.
- KAUTONEN, Teemu; DOWN, S.; SOUTH, L. (2008) Enterprise support for older entrepreneurs: the case of PRIME in the UK. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 14 (2), 85–101.
- KAUTONEN, T., LUOTO S., TORNIKOSKI, T., (2010) Influence of work history on entrepreneurial intentions in 'prime age' and 'third age': A preliminary study, SAGE: *International Small Business Journal*, 28(6), 583-601.
- KIBLER, E.; WAINWRIGHT, T.; KAUTONEN, T.; BLACKBURN, R. A. (2012) *(Work)life after work?: Older entrepreneurship in London – motivations and barriers*. Kingston University, Small Business Research Centre, London.
- LÉVESQUE, M.; MINNITI M. (2006) The effect of aging on entrepreneurial behavior. *Journal of Business Venturing*, 21 (2), 177-194.
- PILKOVÁ, Anna, HOLIENKA, Marian, REHAK, Jan (2014) Senior entrepreneurship in the perspective of European entrepreneurial environment. *Procedia Economics and Finance*, 12, 523–532.
- PILKOVÁ, Anna, JANCOVICOVÁ, Zuzana, KOVACICOVÁ, Zuzana (2016) Inclusive entrepreneurship in Visegrad4 countries. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 220, 312–320.
- ROGOFF, Edward G. (2007) Opportunities for Entrepreneurship in Later Life. *Generations, Aging Workforce*, (Spring) 90-95.
- SEQUEIRA, J.; MUELLER, S. L.; MCGEE, J. E. (2007) The influence of social ties and self-efficacy in forming entrepreneurial intentions and motivating nascent behavior. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 12 (3), 275-293.
- SINGH, G.; DeNOBLE, A. (2003) Early retirees as the next generation of entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 27 (3), 207-226.
- VERHEUL, I.; THURIK, R.; GRILO, I.; VAN der ZWAN, P. (2012) Explaining preferences and actual involvement in self-employment: Gender and the entrepreneurial personality. *Journal of Economic Psychology*, 33, 325–341.
- WEBER, P.; SCHAPER, M. (2004) Understanding the grey entrepreneur. *Journal of Enterprising Culture*, 12 (2), 147–164.
- WEBSTER, B., WALKER, B. (2005) *Smart training for older entrepreneur*. Annual Conference of the International Council for Small Business.
- ZHANG, TING (2008) *Elderly Entrepreneurship in an Aging US Economy; Singapore*. World Scientific Publishing Co.
- ZISSIMOPOULOS, J. M.; KAROLY, L. A. (2007) Transitions to self-employment at older ages: the role of wealth, health, health insurance and other factors. *Labour Economics*, 14 (2), 269–295.